

## TRAJETÓRIA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA GEOGRAFIA CULTURAL

TRAYECTORIA TEORICO-METODOLOGICA DE LA GEOGRAFIA CULTURAL J

### RESUMO

Os estudos culturais surgem na geografia do mundo ocidental em um contexto de sistematização e estruturação desta ciência enquanto disciplina acadêmica. De acordo com os antigos e novos paradigmas criados, o caminho da geografia cultural passa por diversas transformações no decorrer de sua história. A partir de uma pesquisa bibliográfica, o presente trabalho pretende esclarecer este caminho, desde sua fundação até o início do século XXI, evidenciando seus principais autores, características e transformações. Primeiramente, realizou-se um levantamento de estudos que mostram o surgimento de trabalhos sobre cultura dentro da ciência geográfica e de como estes se mantiveram a partir do século XIX e início do século XX. Em um segundo momento, teve-se como proposta a análise das reformulações referentes à geografia cultural que aconteceram a partir das décadas de 1960 e 1970. Por fim, buscou-se dar luz ao surgimento e contextualização da geografia cultural dentro da geografia brasileira. Através dessas análises percebe-se um amplo campo de estudo, que pode ser utilizado por geógrafos do Brasil, de modo a construir novas visões e evidenciar as diferentes particularidades existentes no espaço. Além disso, entende-se que as pesquisas referentes à história do pensamento geográfico se fazem necessárias para se pensar uma geografia que entenda suas próprias origens.

**Palavras-chave:** História do Pensamento Geográfico. Fenomenologia. Teoria Crítica.

### resumen

Los estudios culturales aparecen en la geografía del mundo occidental en un contexto de sistematización y estructuración de esta ciencia como disciplina académica. Según los viejos y nuevos paradigmas creados, el camino de la geografía cultural ha sufrido varias transformaciones a lo largo de su historia. A partir de una investigación bibliográfica, el presente trabajo pretende aclarar este camino, desde su fundación hasta principios del siglo XXI, mostrando sus principales autores, características y transformaciones. Primero, se realizó una encuesta de estudios que muestran el surgimiento de trabajos sobre cultura dentro de la ciencia geográfica y cómo se mantuvieron desde el siglo XIX y principios del siglo XX. En un segundo paso, se propuso analizar las reformulaciones relacionadas con la geografía cultural que tuvieron lugar entre los años 60 y 70. Finalmente, buscamos arrojar luz sobre el surgimiento y la contextualización de la geografía cultural dentro de la geografía brasileña. Mediante de estos análisis, se percibe un amplio campo de estudio, que puede ser utilizado por geógrafos en Brasil, con el fin de construir nuevas vistas y resaltar las diferentes particularidades existentes en el espacio. Además, se entiende que la investigación relacionada con la historia del pensamiento geográfico es necesaria para pensar en una geografía que comprenda sus propios orígenes.

**Palabras-clave:** Historia del pensamiento geográfico. Fenomenología. La teoría crítica.

 Felipe da Silva Vieira <sup>a</sup>  
 Flamarion Dutra Alves <sup>b</sup>

<sup>a, b</sup> Universidade Federal de Alfenas  
(UNIFAL-MG)

DOI: 10.12957/geouerj.2022.52005

**Correspondência:**  
felipevieira95@gmail.com  
dutrasm@yahoo.com.br

**Recebido em:** 27 set. 2021  
**Revisado em:** 31 out. 2021  
**Aceito em:** 09 fev. 2022



## INTRODUÇÃO

A ciência geográfica caminha por diferentes campos do conhecimento, trazendo uma variedade de opções no que se refere aos estudos voltados para o entendimento do espaço geográfico e suas dimensões. As linhas de pesquisa estão associadas às escolas que constituem o pensamento geográfico, sendo elas: a geografia tradicional, voltada para a descrição dos aspectos materiais e trabalhos empíricos; a geografia teórica, associada aos estudos que se valem de quantificações; a geografia crítica, que investiga o espaço a partir de uma visão materialista histórica de mundo e, por fim, a geografia humanística, que procura a compreensão do espaço a partir dos aspectos subjetivos e qualitativos.

A partir de uma pesquisa bibliográfica, o presente trabalho tem como objetivo abordar a trajetória dos estudos culturais dentro da história do pensamento geográfico, levando em consideração estudos de autores e autoras que se ocupam de discussões teóricas voltadas para a geografia cultural (CLAVAL, 2007; CORRÊA, 2009; HOLZER, 2013 e ZANATA, 2008). É visível que a ciência geográfica se desenvolve no mundo ocidental a partir de países como Alemanha, França e os Estados Unidos, criando, deste modo, uma base para sua adesão e realização. Os estudos sobre cultura relacionados à geografia surgem por volta do fim do século XIX, envolvendo trabalhos realizados por autores como Friedrich Ratzel, Paul Vidal de La Blache e Carl Ortwin Sauer. Desde seu surgimento e sistematização enquanto disciplina acadêmica a geografia abrange em seus estudos cuidados em relação à cultura, uma vez que para compreender o espaço torna-se necessário relacionar aspectos naturais e antrópicos.

Com o desenrolar do século XX, os estudos sobre geografia e cultura passam a ganhar margem, sendo influenciados, como boa parte das disciplinas da época, pelo positivismo. É nesse sentido que se desenvolvem muitos trabalhos voltados para a geografia cultural, realizados por geógrafos alemães, franceses e estadunidenses. Neste período ideias como o determinismo ambiental e até mesmo cultural envolveram as discussões sobre a ação do homem no meio, sendo por vezes defendidas ou refutadas. Já a partir da década de 1940 os estudos característicos da geografia tradicional passam a dar lugar à geografia teórica, ou quantitativa. Como reflexo do positivismo, têm-se uma geografia preocupada, em grande parte, em se ater a números e dados e suas representações cartográficas do espaço, período também onde o conceito de região passar a ser constantemente utilizado e até mesmo defendido por alguns autores como o objeto de estudo da geografia. Tal fato faz com que conceitos até então utilizados dentro da geografia cultural tradicional sejam deixados de lado, a exemplo, o conceito de paisagem.

Após um período onde a geografia teórica se sobressaiu perante a geografia tradicional, consta-se, por parte dos geógrafos, uma necessidade de renovação. Destarte, a partir da década de 1960, a geografia passa por transformações em relação a seus ideais. Devido às transformações históricas, geógrafos passam a entender que para realizar análises mais profundas sobre o espaço, é necessário ir além de descrições e quan-



tificações. Nesse sentido, ocorrem aproximações com outras áreas do conhecimento, a geografia passa a valer-se de métodos como o materialismo histórico dialético e a fenomenologia. Como características destes novos trabalhos, têm-se a necessidade de superação do positivismo presente na geografia tradicional e também na teórica, bem como o distanciamento de ideais deterministas. Geógrafos e geógrafas passam a compreender a relação entre geografia e cultura levando em consideração tanto a dimensão histórica, quanto os aspectos simbólicos e imateriais.

As pesquisas que envolvem a história do pensamento geográfico são importantes para a continuidade desta ciência. Ao pesquisar sobre as origens de determinado pensamento, escola ou concepção, pode-se compreender de forma benéfica como proceder em suas utilizações. Com o propósito de elucidar os diferentes caminhos que a geografia cultural percorreu e continua a percorrer, este artigo traz reflexões considerando três momentos: o surgimento de trabalhos que estudam a cultura dentro da ciência geográfica e de como estes se mantiveram a partir do século XIX e início do século XX; as reformulações referentes à geografia cultural que aconteceram a partir das décadas de 1960 e 1970 e, por último, o surgimento e estruturação da **geografia cultural no Brasil**.

### **GEOGRAFIA CULTURAL: O INÍCIO**

Corrêa (2009), destaca que o termo cultura é dotado de diversos sentidos, isto ocorre de forma evidente no âmbito das ciências humanas, estimulando um amplo debate. Segundo Claval (2001), as discussões sobre cultura dentro da geografia aparecem por volta do ano de 1890, no contexto de estruturação desta ciência. Este debate sobre a relação entre sociedade *versus* meio aparece mais precisamente na Alemanha, França e Estados Unidos, países expoentes no que se refere ao pensamento geográfico segundo o desenvolvimento intelectual ocidental. Na Alemanha, surgem os trabalhos de Ratzel - que cunhou o termo *antropogeografia* - influenciados pelo pensamento de Darwin. Na França, evidenciam-se os trabalhos de Paul Vidal de La Blache, inspirados pelas ideias de Lamarck, tratando a antropogeografia como geografia humana. Por último, nos Estados Unidos, os trabalhos de Carl Sauer - fundador da escola de Berkeley - ganham destaque perante uma geografia preocupada com o rigor metodológico e com as representações cartográficas.

De acordo com Claval (2007), Ratzel busca uma nova forma de compreensão da ciência geográfica. Ele analisa duas vertentes da geografia humana que o mesmo distinguiu: a antropogeografia e a geografia política. A antropogeografia teria como base a descrição e mapeamento das áreas onde predominam os fatores antropológicos, bem como o entendimento de como os seres humanos se especializam na superfície terrestre e da influência da natureza sobre o corpo e espírito dos mesmos (BÜTTMAN, 1977, *apud* CLAVAL 2007). Ratzel acreditava que a mobilidade e os elementos do espaço estavam associados à continuidade da existência do indivíduo e de suas coletividades, ao mesmo tempo estas relações dependiam diretamente das técnicas que



estes dispunham. Sobre a geografia política, Claval (2007) destaca que Ratzel associava o Estado a um organismo. A influência que sua obra sofreu pelo Darwinismo limitou seu interesse pela cultura, fazendo com que Ratzel se dedicasse mais ao entendimento de como uma comunidade se organiza em seu contexto político.

Claval (2002, p. 19), ressalta que do final do século XIX até o início dos anos cinquenta do século XX “os geógrafos adotavam uma perspectiva positivista ou naturalista, não estudando a dimensão psicológica ou mental da cultura”. Pois é nesse cenário que o trabalho de Ratzel sofre algumas críticas devido a falta de um objeto de estudo que pudesse provar a existência de uma disciplina (CLAVAL, 2007). De acordo com Claval (2007), é Otto Schlüter, geógrafo alemão, que traz uma contribuição importante para a geografia humana, fazendo da paisagem o seu objeto de estudo. Para Schlüter a paisagem é formada pela ação da natureza e dos homens - não escolhendo um lado sobre o determinismo. Porém, o autor segue uma linha onde considera a geografia humana como sendo o reflexo do modo de como os grupos humanos transformam o espaço em que vivem. Nesse sentido, torna-se central para a geografia de Schlüter o estudo dos estabelecimentos humanos, que designam o que os autores alemães vão chamar de *Kulturlandschaft*, termo que se refere à paisagem cultural ou humanizada.

Para Ratzel, o estudo geográfico da cultura confundia-se com o dos artefatos utilizados pelos homens para dominar o espaço. Para Schlüter e para a maioria dos geógrafos alemães das primeiras décadas do século, é a marca que os homens impõem à paisagem que constitui o objeto fundamental de todas as pesquisas. Esta marca é estruturada: o objeto da geografia é de apreender esta organização, de descrever aquilo que se qualifica desde então de morfologia da paisagem cultural e de compreender sua gênese. (CLAVAL, 2007, p. 24).

Por um lado, percebe-se uma preocupação com a técnica e de como a posse de artefatos e conhecimentos sobre estes proporcionariam a dominação do espaço. Por outro, procura-se uma análise que possibilite entender a organização espacial, bem como as características e marcas da paisagem, conclusões fornecidas através de um objeto de estudo então delimitado para a época - a paisagem. Não obstante, é a materialidade que ganha destaque no estudo cultural dentro da geografia alemã do início do século XX, fato que também ocorre na França.

Conforme Zanata (2008), o geógrafo Paul Vidal de La Blache foi quem introduziu o pensamento sobre cultura nas discussões geográficas da França. Este pensamento, bem como na Alemanha, aparece no momento de sistematização da Geografia enquanto ciência acadêmica no mundo ocidental. La Blache - e toda geografia francesa - é influenciado pela geografia alemã, seguindo como modelos Alexander von Humboldt, Carl Ritter ou Friedrich Ratzel (SANGUIN, 1993, *apud* CLAVAL, 2007). Nesse sentido, La Blache aborda a cultura relacionando-a com o que chamou de gêneros de vida, podendo-se definir este conceito segundo o “conjunto de técnicas, hábitos e costumes próprios de uma sociedade que possibilitam o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis” (ZANATA, 2008, p. 227). Este conceito surge após reflexões do autor sobre o envolvimento dos seres humanos com o meio, abarcando as relações das populações com os recursos então disponíveis, bem como suas contribuições e construções históricas (ZANATA, 2008).



Portanto, é visível que La Blache, assim como Ratzel, considera importante o papel das técnicas no que se concerne à dominação do espaço pelo homem. Por outro lado, o gênero de vida acaba por constituir uma relação de equilíbrio entre os meios social e natural - com certo determinismo ambiental -, fazendo com que a ação humana seja delineada pelo que se encontra predisposto, ou não, na natureza. Além disso, considera-se o desenvolvimento técnico, cultural e civil dos grupos sociais e seus gêneros de vida, ou seja, uma visão sobre cultura marcada pelo possibilismo. De acordo com Claval (2007), a visão de La Blache é inspirada pela tônica naturalista que rondava o mundo intelectual nos primeiros anos do século XX. Devido à influência do pensamento de Lamarck e por ser uma característica da geografia tradicional, seus trabalhos tinham como marca a descrição e explicação dos hábitos humanos no espaço, formando, portanto, a paisagem humanizada. Além disso, o autor se dedicava a explicar a formação dos lugares, afirmando que a ciência geográfica é a ciência dos lugares, não dos homens. A noção de gênero de vida inicia na geografia francesa um campo que progressivamente se dedica aos comportamentos humanos, cada vez mais complexos e heterogêneos.

Claval (2007), também destaca que outros autores foram importantes para a geografia francesa do início do século XX, como Jean Brunhes e Pierre Deffontaines. Estes seguiram o pensamento de La Blache, principalmente no que se refere ao gênero de vida e foram cruciais para direcionar a transformação da ciência geográfica e cultural para uma análise do espaço agrário. Deste modo, ocorrem dentro da geografia humana francesa certas mudanças com o passar do tempo. Nas palavras de Claval (2007, p. 35) “naturalista pela sua origem e suas justificações, ela deriva rapidamente para posições mais humanistas”.

A discussão sobre cultura e sua dimensão no espaço geográfico também ganha destaque nos Estados Unidos, com os estudos de Carl Ortwin Sauer e da escola de Berkeley. Corrêa (2001), defende que a geografia cultural ganhou identidade devido aos trabalhos de Sauer e de seus adeptos. Conforme ressalta Claval (2007), a geografia estadunidense inicialmente preocupava-se com o rigor metodológico, coleta de dados e com as representações cartográficas. Portanto, a geografia cultural nos Estados Unidos teria sido esquecida se não fosse as pesquisas de Sauer, autor que começou a abordar essa questão trinta anos após os primeiros trabalhos alemães nessa área.

De acordo com Mathewson e Seemann (2008, p. 76), Carl Sauer tratava a paisagem do presente como sendo uma “consequência histórica da interação entre o organismo e o ambiente”. Nesse sentido, o autor delimita o interesse da análise cultural, dizendo que “a geografia cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica.” (SAUER, 2003, p. 22). Speth (2011), diz que Sauer fundamentava-se no historicismo, iniciando na geografia estadunidense uma abordagem onde vê o homem e as transformações na paisagem em seu sentido temporal, relacionando as mudanças ao conceito de cultura. Deste modo, Sauer colocava-se contrário ao determinismo ambiental, afirmando a condição do homem de sobressair perante a natureza.

Nossa seção da realidade, ingenuamente selecionada, a paisagem, está sofrendo uma mudança múltipla. Esse contato do homem com seu lar mutável, como é expresso por meio da paisagem cultural, é



nosso campo de trabalho. Preocupamo-nos com a importância do sítio em relação ao homem e com a transformação desse sítio. Ao mesmo tempo, lidamos com a inter-relação do grupo, ou culturas, e sítio, como expressos nas várias paisagens do mundo. (SAUER, 2012, p. 214-215)

Para Claval (2007), Sauer deve muito à proximidade com a antropologia americana, surge daí seu interesse pelo historicismo. O autor critica as civilizações modernas, considerando-as dessecantes sobre a condição humana e indiferentes à natureza. Para ele, a geografia limita-se ao que é identificável na superfície da terra, ressaltando, assim como os geógrafos alemães, o caráter material da cultura, deixando de lado as dimensões sociais e subjetivas da mesma. Ao mesmo tempo, Sauer destaca que a cultura é constituída por fatores biológicos (fauna e flora) que as sociedades, com o passar do tempo, conheceram e começaram a utilizar visando um ambiente mais produtivo. As transformações do espaço causadas pela interferência humana não são inocentes, podendo causar graves desastres ecológicos.

Claval (2007), ainda afirma que os trabalhos da escola de Berkeley tratam, principalmente, das sociedades tradicionais e de como estas ocupavam o espaço e marcavam as paisagens. Os trabalhos do autor e de seus discípulos tratavam o passado das sociedades, muito por conta da crítica à sociedade moderna e sua relação com a natureza e também pela aproximação com os antropólogos. Trabalhos como os de Fred B. Kniffen (1965), Andrew Clark (1949) e W. Gade (1976) mostram as práticas dos colonos na América do Norte e como estas se mantiveram e ganharam continentes, sendo perceptível também a importância dada à ecologia e à relação homem versus meio. “Desde os anos 30, uma inquietação ecológica já muito moderna faz-se sensível em Sauer e seus estudantes. É neste sentido que as orientações dadas à geografia cultural pela escola de Berkeley permanecem atuais.” (CLAVAL, 2007, p. 32).

Mesmo com todo desenvolvimento e com a necessária superação do determinismo ambiental, Sauer e a escola de Berkeley também sofreram críticas. Duncan (2003), ressalta que os geógrafos culturais estadunidenses aceitaram a cultura como uma entidade supra-orgânica. De acordo com Côrrea (2001, p. 25), “a cultura constitui-se, assim, um nível independente da realidade, externa ao indivíduo, explicável por si própria, dentro de uma visão holística”. Deste modo, as críticas caminhavam no sentido da discordância com o fato de que a cultura era, sobretudo, controladora das ações humanas. “Em realidade, ao abandonar o determinismo ambiental, Sauer e seus discípulos acabaram engajados no determinismo cultural, outra versão do darwinismo social contra o qual Sauer tanto lutara.” (CÔRREA, 2001, p. 27). Contudo, há de se ressaltar a importância do trabalho de Sauer e da escola de Berkeley para a continuidade da geografia cultural.

“Em que pese as críticas feitas à obra de Sauer, não há como negar sua grande contribuição para o pensamento geográfico, na medida em que reafirmou a paisagem como um dos seus conceitos chave, assim como incentivou e divulgou a abordagem Cultural, deixando um rico legado.” (ZANATA, 2008, p. 228-229).

O período entre final do século XIX e primeira metade do século XX, mostrou uma geografia cultural preocupada com a descrição, com a organização dos elementos humanos no espaço e suas marcas na paisagem. Os caminhos variaram entre defender o determinismo ambiental, aceitar a possibilidade de interferência



humana ou ressaltar um determinismo cultural. Côrrea (2001, p. 24), diz que “a renovação da geografia cultural iniciada no final da década de 1970, deve-se em parte, as críticas provenientes de diversas fontes que a escola de Berkeley recebeu”. Ao mesmo tempo, Claval (2001) reforça algumas críticas destinadas à geografia cultural da primeira metade do século XX. Segundo o referido autor a preocupação dos geógrafos culturais voltava-se muito mais à descrição do mundo do que sua compreensão propriamente dita. Ao mesmo tempo, a abordagem cultural carregava um peso atribuído ao rural (devido ao destaque sobre a paisagem e gêneros de vida). O passado era mais investigado do que o presente, por conta da crítica ao mundo moderno - complexo e industrial. Não se importavam com os problemas dos grupos sociais, deixando de lado suas manifestações - fossem elas políticas ou religiosas. O subjetivo era colocado à parte, bem como as vivências e experiências, focando, portanto, no material.

De acordo com Claval (2014), os trabalhos sobre a geografia cultural continuaram sendo feitos entre os anos de 1960 e 1970, seguindo a ideia de gêneros de vida e a descrição. Porém, devido ao desenvolvimento da sociedade - levando em consideração a padronização das técnicas e o aumento da industrialização nos países -, este modo de pensar acaba entrando em desuso e não respondendo questões importantes do mundo moderno, relacionadas às heterogeneidades do espaço. É nesse sentido que o campo da geografia cultural se estrutura para novas formas de análises.

Claval (2001), destaca que a concepção neopositivista entra em declínio no final da década de 1960 e início da década seguinte, os contrários eram geógrafos que se baseavam na fenomenologia ou na crítica radical. As transformações levaram a geografia cultural a outro patamar, proporcionando a propagação da nova geografia cultural, voltada tanto para a geografia fenomenológica quanto para a geografia cultural radical - vertentes que serão abordadas a seguir.

## A GEOGRAFIA CULTURAL E A FENOMENOLOGIA

A geografia humanista, ligada, entre outras bases, à fenomenologia, surgiu em um contexto de necessidade de superação do neopositivismo. Além disso, torna-se importante destacar o ambiente intelectual da época: movimento *hippie*, revoltas estudantis e questionamentos sobre os padrões impostos - a contracultura. Deste modo, os geógrafos humanistas mostraram-se ávidos a proporcionar uma análise do espaço mais centrada no sujeito, ressaltando, portanto, o caráter humanitário da ciência geográfica.

É nesse sentido que a geografia cultural com viés fenomenológico caminha a partir da década de 1970, buscando compreender as manifestações simbólicas e culturais, sejam de caráter político ou religioso. Seguindo o pensamento de Zanata (2008), percebe-se que esta recuperação da abordagem cultural na geografia passa a trabalhar as questões ontológicas dos seres humanos. Ao invés de focalizar esforços no entendimento da materialidade - técnicas e organização espacial -, admite-se que a cultura se relaciona também com um



sistema de significados, representações e valores que estão condicionados à identidade, que por sua vez manifesta-se através das construções distribuídas socialmente e expressas no espaço.

Para essa nova forma de pensar a ciência geográfica, tornou-se necessário uma aproximação com a filosofia, como exemplo a aproximação com a fenomenologia de Husserl. Para Suertegaray (2005, p. 29):

A fenomenologia de Husserl, segundo Chauí, vem de encontro às visões de Kant e de Hegel, para ele tudo que existe é fenômeno, só existem fenômenos. Portanto, consciência possui uma essência diferente da essência dos fenômenos, pois ela dá sentido as coisas e essas recebem sentido. Fenômeno, então é consciência de... Tudo é fenômeno enquanto consciência de.

Suertegaray (2005), continua dizendo que, diferentemente das ideias de Kant e contrária ao positivismo, a Fenomenologia irá privilegiar o sujeito do conhecimento, ao mesmo tempo em que considera a consciência como forma de construção de essências ou significações. Por isso, dentro desta perspectiva, fenômeno é essência e, portanto, consciência é consciência de intencionalidade. A intencionalidade é considerada a situação original que torna possível esclarecer o complexo da realidade, o fato primitivo da fenomenologia (LUIJPEN, 1973, *apud* HOLZER, 2010, p. 41). Portanto, esta nova fase da geografia cultural é marcada pela intenção de voltar às coisas do jeito que elas realmente são. A investigação do conhecimento do sujeito torna-se a fonte para atingir o conhecimento humanístico e geográfico.

Sobre o método fenomenológico na análise geográfica, Suertegaray (2005) destaca que se fundamenta na descrição do fenômeno, ou seja, o quê se apresenta imediatamente. Esta descrição segue as experiências e implica na exclusão de crenças e preconceitos, é necessário se colocar no lugar dos sujeitos, captar o sentido e os significados atribuídos por eles no espaço, no vivido. Para trabalhar com este método, utiliza-se uma variedade de fontes e técnicas, como fotografia, entrevistas qualitativas e histórias orais. De acordo com Suertegaray (2005, p. 30), “o método fenomenológico não é nem dedutivo, nem empírico, na medida em que consiste em esclarecer o que se dá para nós, não explica por meio de leis, mas apenas vê, imediatamente, o que se acha ante a consciência”. Considera-se aqui, portanto, necessário entender um pouco mais de como se iniciou esta perspectiva na geografia.

Em seu trabalho onde faz uma revisão sobre a geografia humanista, Holzer (2013) destaca que o artigo publicado por Yi Fu Tuan, em julho de 1976, denominado de “*Humanistic Geography*” é um marco para a independência do movimento dos geógrafos humanistas. Contudo, a ideia de estudar geograficamente a imaginação humana, em suas análises objetivas e subjetivas, superando a visão cartesiana e positivista, remete aos anos 1920. Como mostra o trabalho de Amorim (1999), a fenomenologia está presente na geografia desde a geografia tradicional. O referido autor destaca que os trabalhos de Carl Sauer, J.K. Wright, W. Kirk, Eric Dardel, E. G. Hoskins e D. Lowenthal (os primeiros publicados antes dos anos 1970 e o último a partir deste), foram precursores da atual geografia humanística.

Os trabalhos com viés fenomenológico já eram gestados na geografia cultural antes mesmo de sua nova estruturação, que ocorreu entre o final dos anos 50 e início dos anos 70 do século XX. Holzer (2013), faz outro



destaque, que consiste no papel que teve o livro *“L’Homme et la Terre – Nature dela Realité Géographique”* de Eric Dardel, publicado em 1952. Segundo o referido autor, o livro foi influente em relação ao importante conceito de lugar na geografia fenomenológica, atingindo autores como Edward Relph e Yi Fu Tuan.

De acordo com Holzer (2013), dois eventos, que aconteceram no início da década de 1960, período onde houve uma crescente dominância da geografia quantitativa e o aparecimento da geografia comportamental, foram importantes. O primeiro momento constitui na revisão realizada por David Lowenthal sobre a obra de Wright, esta revisão buscou uma renovação da geografia cultural, que por sua vez estava perdendo espaço na América do Norte. De acordo com Holzer (2013, p. 138), “seu ponto de partida era a geosofia, vista à base de um projeto de ciência que abarcasse os vários modos de observação, o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e deliberado, o literal e o esquemático”. O segundo momento constitui na proposição de Yi Fu Tuan (1961), que inspirado em Bachelard (*“La Terre et les Rêveries de la Volonté”*, *“La Poétique de L’Espace”* e *“L’Eau et lês Rêves”*) realiza uma geografia aplicada ao entendimento da relação de afetividade entre o homem e o meio natural, ou seja, trata-se do conceito denominado por Tuan como topofilia. “A geografia se dedicaria ao estudo das vivências, que se expandem do lar para paisagens mais amplas, da paisagem humanizada para os cenários mais selvagens” (HOLZER, 2013, p. 138).

Outros autores também foram importantes nesse período. Conforme aponta Holzer (2013), foi Edward Relph quem primeiro colocou em um artigo as possíveis contribuições da fenomenologia como suporte para a união dos geógrafos preocupados com os aspectos subjetivos da espacialidade. Holzer (2013, p. 140), diz que “Relph previa pelo menos duas consequências imediatas do uso da fenomenologia na geografia: uma visão holística e unificadora da relação homem-natureza e uma crítica ao cientificismo e ao positivismo”. Ainda segundo Holzer (2013), Mercer e Powell (1972) e Anne Buttimer (1974) foram de igual importância para este momento. Os primeiros realizaram uma sistematização sobre métodos até então não convencionais para a subjetividade na geografia, como a fenomenologia. A última realizou um trabalho sobre fenomenologia e existencialismo dentro da ciência geográfica. Deste modo, o último passo para a renovação epistemológica da geografia estava dado.

Como dito anteriormente, o trabalho de Yi Fu Tuan foi um marco para a geografia cultural renovada. Neste trabalho o autor traz algumas proposições sobre como deve ser as atitudes de um geógrafo voltado às preocupações humanistas.

A geografia humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. (TUAN, 1985, p. 143).

Além disso, Tuan (1985) afirma que o entendimento de como o espaço se transforma em um lugar especificamente humano é dever do geógrafo humanista, fazendo-se necessário aderir a interesses humanísticos, como: a experiência, a qualidade da ligação emocional com os objetos materiais, a característica e função dos símbolos na construção de um lugar. Tuan (1985, p. 151), define a identidade de um lugar como sendo



“a sua característica física, sua história e como as pessoas fazem uso de seu passado para promover a consciência nacional”. A ligação sentimental e perceptiva do ser humano com o meio físico é fator importante no desenvolvimento da pesquisa humanística e qualitativa. Através do entendimento da percepção e do sentimento, podemos observar as diferentes experiências que irão refletir as formas de adaptação, identidade e as atividades de pessoas em determinados espaços.

Já Lowenthal focaliza a ideia de que cada indivíduo percebe o meio em que está inserido de formas diferentes. “Cada visão particular do mundo também é única porque cada um escolhe e reage ao meio de maneira diferente. Seleccionamos ver alguns aspectos do mundo e evitamos outros.” (LOWENTHAL, 1985, p. 124). Portanto, o geógrafo, ao optar por pensar e investigar a geografia através do viés humanístico/cultural possui em sua trajetória não só um, mas diversos mundos. Segundo Lowenthal (1985, p. 112), “a visão do mundo que os geógrafos constroem deve ser criada a cada nova geração, não somente porque a realidade muda, mas também porque as preocupações humanas variam”. Portanto, as análises das transformações ocorridas no espaço, realizadas através da investigação de estruturas gerais, dão lugar à valorização das particularidades e das vivências dos sujeitos, que modificam paisagens, vivenciam lugares e, conseqüentemente, acabam por produzir e transformar o espaço.

Nesse sentido, não só o conceito de paisagem - que acompanha a geografia cultural desde seus primórdios - torna-se relevante. O espaço passa a ser tratado como espaço vivido através das experiências dos sujeitos e o conceito de lugar recebe notória participação nos trabalhos publicados a partir dos anos 1970. Para Tuan (1983), a experiência está voltada para as diferentes formas de como uma pessoa conhece e edifica sua realidade, o modo como isso acontece varia com os sentidos: olfato, paladar, audição, tato e visão, fazendo com que seja possível aprender a partir da própria vivência. Ao mesmo tempo, o referido autor, trata espaço como sendo movimento e lugar relacionado à segurança, ao imóvel.

Holzer (2013), aponta que a geografia se apropriou de alguns conceitos da fenomenologia, principalmente, os de “*mundo vivido*” (Lebenswelt) e de “*ser-no-mundo*”, que para os geógrafos se trata do conceito de “lugar”. O autor ainda diz que não ocorreu uma preocupação em aplicar de forma rigorosa o método fenomenológico proposto por Husserl. Quanto a isso, ocorreram algumas críticas. Como mostra Holzer (2013), o trabalho realizado por Pickles (1985) defendia uma geografia fenomenológica baseada na fenomenologia transcendental de Husserl, dizendo que a utilização de vários conceitos da geografia tradicional, por parte dos geógrafos humanistas, levaram os resultados para caminhos contrários ao verdadeiro projeto da fenomenologia.

Em todo caso, a geografia cultural fenomenológica continua a partir da década de 1980 preocupada com valores humanistas e sendo contrária ao positivismo. Como mostra Holzer (2013, p. 146), “nunca houve um afastamento efetivo da geografia cultural, mas uma procura em se distinguir dos que se utilizavam do



positivismo como método”. Holzer (2013), ainda reforça que sempre houve a sintonia com a questão ambiental, dizendo que foi dentro do humanismo que os problemas ambientais ganharam notoriedade e avançaram de forma conceitual na geografia. Além do aporte humanístico, há de se destacar também a contribuição da geografia cultural com uma visão radical.

### A RELAÇÃO ENTRE GEOGRAFIA CULTURAL E TEORIA CRÍTICA

Antes de tudo, considera-se importante dar luz ao materialismo histórico postulado, principalmente, por Marx. Em “*A Ideologia Alemã*” o autor defende um método no qual o materialismo não seja separado da história do homem, ao contrário do que pregava Feuerbach. De acordo com Marx, a bagagem que os sujeitos carregam em si é produto de condições e funções materiais, ou melhor, das condições históricas do espaço no qual estes se localizam (MARX, 2013).

A partir dos anos 1970, como forma contrária ao neopositivismo dentro da geografia, além da geografia fenomenológica, surgiu a geografia cultural valendo-se do materialismo histórico. Neste período a geografia cultural buscou novas formas de análise, bem como a superação dos paradigmas positivistas criados na primeira metade do século XX. Nesse sentido, alguns trabalhos rumaram em direção à teoria crítica, como é possível verificar a partir dos estudos de Zanata (2008) e Cosgrove (2013). Em 1983, Cosgrove publica “*Em direção a uma geografia cultural radical: problemas na teoria*”, publicado no Brasil em junho de 2013, no periódico Espaço e Cultura, artigo no qual fez uma revisão sobre a geografia cultural e o marxismo, apontando suas ligações e também seus problemas. Cosgrove (2013), aponta que o marxismo e a geografia cultural partem de um mesmo ponto ontológico, indo contra qualquer forma de determinismo, seja cultural ou natural, e buscam um entendimento da relação entre seres humanos e natureza a partir do ponto de vista histórico.

De acordo com Cosgrove (2013), os conceitos desenvolvidos pelos geógrafos Carl Sauer e La Blache, dependem da compreensão da natureza e cultura, em sua relação dialética. Estes autores tradicionais da geografia cultural, mesmo compartilhando de algumas premissas do materialismo histórico, não incorporaram de forma eficaz esta temática dentro do pensamento geográfico e tenderam a tratar a cultura como fato puramente inventivo do ser humano. A abordagem dialética entre natureza e cultura foi, portanto, logo de início isolada. Ao mesmo tempo, Cosgrove também destaca alguns problemas quanto ao materialismo histórico. “Manter a dialética da cultura e natureza sem cair no idealismo ou no materialismo reducionista é o principal problema teórico para o materialismo histórico” (THOMPSON, 1978, *apud* COSGROVE, 2013, p. 6).

Cosgrove (2013), destaca a centralidade dos trabalhos de Antonio Gramsci e György Lukács nos estudos sobre a cultura, já que ambos reconheceram que esta tem papel fundamental no que diz respeito à construção da consciência de classes. Lukács tratou a cultura literária e artística, já Gramsci envolveu-se com a questão da consciência de classes dentro de uma particularidade geográfica. De acordo com Cosgrove (2013, p. 18), “na sociedade de classes, a cultura é o produto da experiência de classes. Os reflexos do senso comum de cada



classe sobre sua própria experiência material é parte de sua luta com outras classes”. Ambos os autores foram expoentes no sentido de trazer para o materialismo histórico a discussão sobre cultura, além disso, influenciaram também os trabalhos sobre geografia cultural preocupados em evidenciar a questão da materialidade a partir de um ponto de vista crítico. As visões destes autores constituem maneiras de se pensar a cultura por meio do materialismo histórico. Contudo, existem também outros trabalhos de igual importância. Cosgrove e Jackson (2003), indicam os trabalhos de Stuart Hall e do Centro de Estudos Culturais contemporâneos da Universidade de Birmingham, como necessários para o entendimento de vários temas, muitos relacionados às minorias, tratando de questões como o feminismo e o racismo.

A influência do materialismo histórico e dialético se manifesta, principalmente, por meio da compreensão da cultura, simultaneamente, como um reflexo e condição social; da oposição a qualquer forma de determinismo ou explicação linear causal e do reconhecimento da dimensão histórica na relação entre os seres humanos e a natureza. (ZANATA, 2008, p. 231).

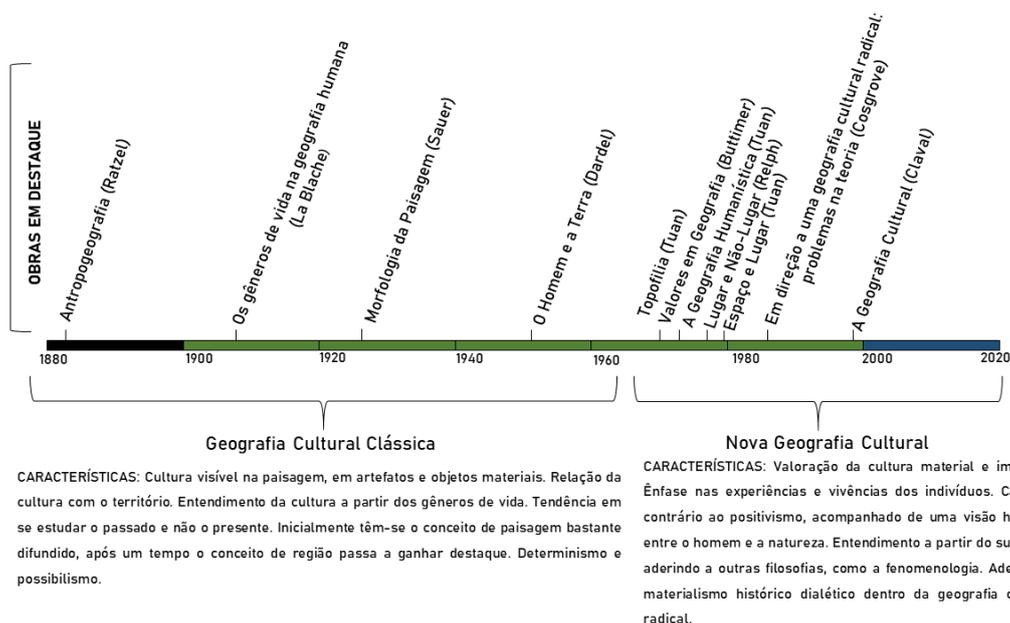
Outro autor que trabalha a cultura a partir do viés do materialismo histórico, tentando relacionar seus estudos com as premissas de Marx, é Raymond Williams. Para Williams (2002), a hegemonia existente no mundo, bem como o sistema hierárquico não deve ser trabalhada através de uma simples opinião ou manipulação. O autor defende que trata-se de um conjunto de significados e valores que a partir do momento em que são utilizados, através da ação humana, confirmam-se uns aos outros. Este modelo acaba provocando certa imobilidade dentro das próprias vidas dos sujeitos que constituem a sociedade, uma vez que este sistema de significados delimita ações que são reproduzidas cotidianamente, ações que são necessárias para a subsistência. Em todo caso, o autor não considera este um sistema estático. “Pelo contrário, só podemos entender uma cultura dominante e eficaz se compreendermos o verdadeiro processo social da qual ela depende, isto é, o processo de incorporação” (WILLIAMS, 2002, p. 13).

Claval (2001), afirma que para os críticos radicais, a sociedade não é uma organização que existe desde sempre, suas regras advêm de iniciativas humanas. Quando estas relações humanas geram desigualdades sociais, torna-se normal o descontentamento com a imposição e a luta por justiça social. Portanto, “os geógrafos não devem desviar-se da análise da contestação social, do desenvolvimento de movimentos de oposição e do surgimento de culturas críticas e de contraculturas.” (CLAVAL, 2001, p. 45-46). Com a renovação da geografia cultural, percebe-se um largo campo de estudos se criando para os geógrafos.

Essa mudança é fundamental. Por significar que a abordagem cultural não é um aspecto limitado, um capítulo especial da geografia humana, ela constitui a única perspectiva que permite reconstruir nossa disciplina de acordo com as orientações fenomenológicas e críticas das ciências humanas contemporâneas e das humanidades – o limite entre esses dois domínios deixa de ser tão evidente quanto no passado (CLAVAL, 2001, p. 47).

Tanto a fenomenologia quanto a teoria crítica podem servir de suporte para o entendimento das experiências dos sujeitos, bem como das desigualdades existentes entre as várias representações culturais. Acredita-se que estas linhas de pensamento dentro do estudo sobre cultura no pensamento geográfico (Figura 1) reproduzem uma importante contribuição no que se refere à compreensão do espaço.

Figura 1. Linha do tempo, por obras, da geografia cultural.



Fonte: Autor, 2020.

Portanto, desde que se tenha como fim o entendimento do espaço, uma cooperação entre estas duas formas de análise pode ser benéfica para o desenvolvimento da ciência geográfica, uma vez que a geografia não parte de um ponto específico, abarcando diversos temas e propostas. Para Claval (2001, p. 48), “sua única possibilidade é partir de diferentes perspectivas adotadas pelos indivíduos e pelos grupos que estuda, e se interrogar sobre as maneiras como eles as apresentam”.

## A GEOGRAFIA CULTURAL NO BRASIL: UMA BREVE EXPOSIÇÃO

A geografia cultural surge no Brasil de forma tardia, após um longo período da existência desta ciência em seu território. De acordo com Côrrea (2017a), a geografia foi criada no Brasil no ano de 1934, com a instauração do curso de Geografia e História na Universidade de São Paulo (USP). Por sua vez, a geografia cultural passou a ser trabalhada e reconhecida como categoria de estudo no início dos anos 1990 (Figura 2), diferentemente de outros países que já a estudavam há tempos.



Figura 2. Linha do tempo, por grupos de pesquisa, da geografia cultural no Brasil.



CARACTERÍSTICAS: Estes grupos de pesquisa destacam-se por trazer novas temáticas de investigação e entendimento do espaço geográfico, como: a religião, simbolismo, cultura popular, territórios e territorialidades, questões identitárias, arte, sexualidade, questões de gênero, percepção e literatura.

Fonte: Autor, 2020.

Côrrea (2017a), propõe três motivos para explicar o desenvolvimento tardio da geografia cultural no Brasil. O primeiro constitui no desinteresse por parte dos geógrafos culturais norte-americanos, Carl Sauer e a Escola de Berkeley, pelo Brasil, que optaram por estudar a América de língua espanhola, em particular o México. O segundo motivo se refere à ampliação da geografia teórico-quantitativa entre 1970 e 1978, que acompanhou a expansão dos cursos de geografia no Brasil a partir de 1970. Esta corrente enxergava a cultura em segundo plano. Por último, o autor destaca a influência do materialismo histórico e dialético, que muitas vezes foi aplicado de forma vaga. A cultura seria deixada de lado, pois acreditavam que esta se constituía em uma superestrutura, construída predominantemente pela base econômica.

Mesmo com o início tardio, a partir de 1995 verifica-se um crescente aumento de pesquisas e trabalhos voltados para a geografia cultural (CÔRREA, 2017a). Um ponto de partida importante para esse crescimento é a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC). O NEPEC foi criado e coordenado por Zeny Rosendahl no Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 1993. Constitui-se em um centro de produção e divulgação da geografia cultural no Brasil. As linhas de pesquisa são direcionadas em três temáticas: relações entre espaço e religião, espaço e simbolismo e cultura popular - ênfase para a primeira temática. Importante destacar a criação do periódico Espaço e Cultura e a série de livros intitulada Geografia Cultural, ambos organizados pelo NEPEC, que auxiliam nesse processo de divulgação científica acerca desta vertente do pensamento geográfico no Brasil.

Nesse mesmo sentido, destaca-se também o grupo de pesquisa denominado Geografia Cultural: Territórios e Identidade, criado em 1998 e liderado por Maria Geralda de Almeida, estando associado à Universi-



dade Federal de Goiás (UFG). O grupo desenvolve diversas pesquisas voltadas para a geografia cultural, procurando buscar novas formulações teórico-metodológicas no plano acadêmico e novas formas de participação dos sujeitos nos planos culturais, sociais e econômicos, considerando os grupos sociais, manifestações culturais e as atividades turísticas.

Ainda na geografia cultural brasileira, existem o Núcleo de Estudos em Espaços e Representações (NEER), uma rede de pesquisa que teve sua primeira reunião em 2004, e o Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM), fundado em 2008. O primeiro articula projetos e grupos de pesquisa de 20 universidades brasileiras, abordando temáticas como: Nova Geografia Cultural, Geografia Humanista e Estudo de Percepção. Já o segundo, está sediado na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF) e conta com integrantes de diversas universidades do país, sendo coordenado por Werther Holzer (UFF) e também por Lívia de Oliveira até 2020, dedicando-se às linhas de pesquisa Epistemologia e Metodologia da Geografia Humanista Cultural, Geografia e Arte e Lugar, Paisagem e Experiência. O GHUM possui ainda a revista Geograficidade, que já publicou sobre temas como: música, arte e religião. Há de se ressaltar também a existência de outros grupos, em outras universidades, como as de Fortaleza, Campinas, Belo Horizonte, Uberlândia e também outras universidades do Rio de Janeiro.

As pesquisas sobre geografia cultural estão, desde 1990, em crescimento no Brasil. Diante disso, torna-se importante a investigação das manifestações culturais, percepções e simbolismos de um território tão amplo. De acordo com Côrrea (2017a, p. 77), “a produção brasileira caracteriza-se pela diversidade teórica, metodológica e temática, que estão necessitando de uma avaliação mais acurada, a qual demanda tempo de pesquisa”. O desenvolvimento e aprimoramento destes estudos podem trazer contribuições benéficas para a ciência geográfica do Brasil e, conseqüentemente, para os diversos cursos de geografia que existem no país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou realizar um resgate e levantamento bibliográfico sobre a trajetória do pensamento geográfico referente aos estudos culturais. Precisamente, buscou-se através de estudos sobre as escolas alemã, francesa e estadunidense compreender como se iniciou este tipo de análise dentro da geografia, visto que estes países foram expoentes no que diz respeito à geografia cultural ocidental. Além disso, importa-se ressaltar o caráter da renovação então iniciada na segunda metade do século XX, pois suas características acompanham até hoje as transformações dos estudos culturais dentro da geografia.

É visível que a geografia cultural passou por diversos caminhos até atingir seu atual estágio, onde leva-se em consideração tanto as questões materiais históricas quanto as imateriais e subjetivas. Acredita-se que os estudos sobre a história do pensamento geográfico podem ser de grande relevância, uma vez que caracterizam períodos onde foram destituídos e formulados novos paradigmas. O entendimento destas novas formas



de se fazer geografia acaba por propiciar também a consciência sobre o contexto histórico e geográfico passado e presente, uma vez que os estudos podem acompanhar os acontecimentos de seu próprio tempo. Em todo caso, entende-se ser necessária a ação de procurar conhecer - através da história do pensamento geográfico -, bem como de realizar reformulações, de modo que a ciência geográfica possa procurar atender as demandas de cada período histórico, superar e criar novos paradigmas.

Por fim, entende-se que a geografia cultural pode ser utilizada de forma recorrente no pensamento geográfico brasileiro. Na busca de compreensão das heterogeneidades do espaço, pensar os aspectos culturais pode nos fazer abarcar novos contextos e dar destaque às diferentes necessidades geográficas. Nesse sentido, conhecer a produção sobre geografia cultural realizada no passado pode nos dar embasamento para a criação de uma produção especificamente brasileira, onde nossos próprios significados, simbologias e realidades sejam ressaltados e investigados.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, v. 11, n. 21/22, 9 dez. 2014.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a geografia cultural**. Roberto Lobato Corrêa. Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. 2009.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A GEOGRAFIA CULTURAL BRASILEIRA: UMA AVALIAÇÃO PRELIMINAR. **Revista da ANPEGE**, [S.l.], v. 4, n. 04, p. 73-88, jul. 2017a.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A GEOGRAFIA CULTURAL NO BRASIL. **Revista da ANPEGE**, [S.l.], v. 2, n. 02, p. 97-102, jul. 2017b.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e a escola de Berkeley – uma apreciação. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 9-34.
- COSGROVE, Denis. EM DIREÇÃO A UMA GEOGRAFIA CULTURAL RADICAL: PROBLEMAS DA TEORIA. **Espaço e Cultura**, [S.l.], n. 5, p. 5-29, jun. 2013.
- COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CLAVAL, Paul. O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana/ Paul Claval. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 35-86.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução: Luís Fugazzola Pimenta, Margareth de Castro Afeche Pimenta. – 4. ed. rev. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.
- CLAVAL, Paul. **A Volta do Cultural na Geografia**. Mercator – Revista de Geografia da UF, ano 01, número 01, 2002.
- DUNCAN, James Stuart. O Supra-orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: Uma revisão. **Espaço e Cultura**, [S.l.], 2013, p. 137-147.



LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação. In: CRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da geografia**. 2ed. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 103-141.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas, 1845-1846. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2007.

MATHEWSON, Kent; SEEMANN, Jörn. **A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley: um precursor ao surgimento da História Ambiental**. *Varia hist., Belo Horizonte*, v. 24, n. 39, p. 71-85, 2008.

SAUER, Carl Ortwin. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.) **Geografia cultural: uma antologia**. v.1. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. p. 181-217.

SAUER, Carl Ortwin. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny (orgs.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPETH, William. Historicismo: a visão disciplinária de mundo de Carl Sauer/. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.) **Sobre Carl Sauer**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Notas sobre Epistemologia da Geografia. **Cadernos Geográficos/Universidade Federal de Santa Catarina**. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociências. n°1, Florianópolis: Imprensa Universitária, 2005.

TUAN, Y.F. Geografia Humanística. In: CRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da geografia**. 2ed. São Paulo: DIFEL, 1985. p.143-164.

TUAN, Y.F. **Espaço e Lugar**: A Perspectiva da Experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. **Espaço e Cultura**, [S.l.], n. 14, set. 2013.

ZANATA, Beatriz Aparecida. **A Abordagem Cultural na Geografia**. *Transpori(ação) (UEG)*, v.1, p. 224-235, 2008.